

## **PROJETO GUIGNARD**

Marielza Pereira de Lima é residente no Rio de Janeiro.

Entrevista realizada no dia 17 de outubro de 2003, no Museu Casa Guignard.

Gélcio: D. Marielza, como foi a sua convivência com Guignard?

Marielza: Guignard foi dos melhores amigos que tive na vida. Era uma pessoa de uma doçura, de uma sensibilidade, um coração sem tamanho, além de artista maravilhoso, com talento incrível. E esse mesmo talento que ele tinha para encontrar a cor certa, o fundo certo do quadro, tinha para encontrar pessoas que gostavam dele e a quem se entregava de corpo e alma. Era um amigo sem limites. Tudo o que você precisasse de Guignard, encontrava nele. Convivemos longos anos. Tínhamos uma turma de amigos, dentre os quais estavam incluídos dois de seus alunos, o Amílcar de Castro, o Mário Silésio, nossos amigos particulares e o meu marido, Bernardino Machado de Lima. Estávamos sempre juntos, vínhamos muito a Ouro Preto. Não me esqueço da época que Cecília Meireles esteve aqui, Guignard a conheceu, ficou encantado com ela, com os olhos azuis da Cecília. Ele se derreteu, se apaixonou. E fazia quadros e só falava na Cecília. Ofereceu uma belíssima paisagem de Ouro Preto a ela. E ela retribuiu com uma troca de gentilezas talentosíssima, deu a ele um poema que ficou marcado pra sempre, exaltando o Rei Guignard. Ele fez meu retrato, deu-me de presente de casamento, foi meu padrinho. E fez o retrato das minhas duas filhas mais velhas. Tenho tantas coisas em casa que foram presentes dele! Cadeiras antigas, uma moldura de espelho, que ele tinha feito para a Escola de Belas Artes e depois me presenteou. Tenho imagens, um belo crucifixo barroco, cartas lindas, ilustradas, que ele me escrevia quando ia para Itatiaia. Ilustrava todas as cartas. São muito interessantes. Contava histórias incríveis da sua vida na Europa, em Florença. A italiana que foi a mulher dele, uma grande paixão, que ele passou o resto de seus dias procurando traçar o retrato dessa mulher em todas as outras. Ele se apaixonava quase que semanalmente, à procura da eterna musa. Sinto uma saudade imensa. Ficou um vazio em nossas vidas depois que ele morreu.

Gélcio: Estamos desenvolvendo no Museu Guignard o projeto “Passos de Guignard em Ouro Preto”, para documentar sua passagem pela cidade. Será criado um roteiro para que o visitante do Museu possa passear por Ouro Preto tendo a perspectiva do olhar de Guignard. Gostaria de saber se tem alguma lembrança dele relacionada à cidade, para nos contar. Como era a produção de Guignard?

Marielza: Ele costumava vir a Ouro Preto, geralmente com o Amílcar de Castro. Aqui eles trabalhavam, passando período de um mês. Ele pintava e bebia muito também. Aproveitava a vista linda de Ouro Preto. Era completamente apaixonado, fascinado pela cidade. Sempre voltava levando dúzias de quadros, aquelas obras-primas maravilhosas. E, com a sua generosidade sem limites, despejava, literalmente, os quadros e dizia: “Escolha o que você quiser.” A gente agradecia e os devolvia maravilhada, esperando que fizesse dinheiro suficiente para se manter, pois a arte era a sua única fonte de renda. Ele era muito encantado com a igreja de São Francisco de Assis, que adorava e exaltava sempre e, se não me engano, andou até ajudando na restauração da pintura do Athaide. E o que mais me lembra de Guignard eram os passeios que fazíamos por Ouro Preto quando eu vinha aqui e o encontrava. A gente saía em serenatas à noite, ele amava serenatas. Ficava aquela bruma da madrugada de Ouro Preto, uma coisa linda. E tinha vários cantores naquele tempo, a exemplo dos irmãos Guatimozim, de uma família de engenheiros formados em Ouro Preto. Eram excelentes seresteiros.

Gélcio: Sabe se ainda estão vivos?

Marielza: Alguns ainda estão, moram em Belo Horizonte. Saíamos tocando violão e cantando. Eu me lembro especialmente dele na varanda do Grande Hotel, onde ficávamos hospedados. Ele subia e ficávamos bebendo e conversando. Isso em 1947, 48, 49.

Gélcio: Como você viu a vinda de Guignard para Ouro Preto em 1961? Foi um período um pouco conturbado, houve matérias em jornais, afirmando que pessoas exploravam Guignard. Alguns dizem que ele veio meio triste para Ouro Preto. Que foi um pouco “aprimonado” pela Fundação Guignard, que não estava bem. Como vê isso? Qual o seu ponto de vista sobre a saída dele da casa de amigos, em Belo Horizonte e sua mudança de residência para Ouro Preto?

Marielza: Acho que não ficou angustiado de mudar para Ouro Preto. Penso que gostou de ter finalmente uma casa, propriedade sua. Ele adorava Ouro Preto. Isso para ele era uma felicidade muito grande. Sua angústia é porque já estava doente, mais velho, com toda a solidão que a velhice traz. Embora tivesse momentos de depressão como todo mundo, tinha temperamento alegre, comunicativo e adorava estar com os amigos, era boêmio, gostava de cantar, de ouvir música. Gostava de estar entre moças bonitas e não acredito que tenha ficado deprimido, absolutamente. Acho que era tudo uma questão de saúde.